

MARCOS ALEXANDRE SENA DA SILVA

m.alexandre.sena@gmail.com
Universidade Federal da Bahia (Brasil)

O VISOCENTRISMO E A LOCUÇÃO AUDIODESCRITIVA COMO RECURSO DE ACESSIBILIDADE NO FUTEBOL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

RESUMO

Na propagada alegoria da caverna, em *A República*, Platão supõe um diálogo entre outros dois filósofos gregos, Sócrates e Glauco, e metaforiza o sentido da visão. Há, ao longo do capítulo, uma exaltação ao visual, como quando Sócrates correlaciona a cegueira e o conhecimento. Tem-se, assim, um crasso exemplo de visocentrismo (o predomínio do privilégio da visão). Tal cenário indica, neste sentido, a exclusão sociocultural de pessoas com deficiência visual (PcDVs) – entendimento que, em sua forma audiovisual, só vai ser modificado pela audiodescrição (AD): em sua definição mais difundida, a transformação de imagens em palavras; dito de outra forma, é um recurso tradutório intersemiótico que permite a inclusão sociocultural de pessoas cegas ou com baixa visão, em diferentes esferas da sociedade – artística, comunicacional, esportiva (por meio do futebol) etc. Nesta última, encontra-se a locução audiodescritiva, acessível, com conteúdo adaptado ao público, na busca pela equidade e pela valorização da diversidade.

PALAVRAS-CHAVE

visocentrismo; audiodescrição; acessibilidade

INTRODUÇÃO¹

O mito da caverna, uma alegoria de intenção filosófico-pedagógica, é parte constituinte do “Livro VII” de *A República*, escrita por Platão (428 a.C.-348 a.C.). O filósofo grego supõe um diálogo entre dois personagens: Sócrates, seu mentor, e Glauco. O primeiro deles sugere uma situação

¹ Parte deste texto é adaptado da dissertação de mestrado do autor, intitulada *A morte e a risada em Quincas Berro d'Água: um estudo sobre a audiodescrição num filme de comédia*, orientado por Sílvia La Regina.

hipotética, na qual, desde a infância, alguns homens morariam numa caverna, com as pernas e o pescoço acorrentados. Os prisioneiros não conseguiriam se mexer ou virar a cabeça para qualquer lado; seriam forçados a olhar somente para a parede que encerra aquele local. A luz que incidiria naquela morada subterrânea pertenceria a uma fogueira distante. Entre o fogo e a caverna, uma estrada ascendente, em certo ponto, murada. Os prisioneiros enxergariam apenas as sombras de outros homens refletidas na parede, transportando pedra, madeira e toda espécie de matéria. Os sons de fora ecoariam ali dentro.

Sócrates sugere, assim, que um dos homens seria libertado e, consequentemente, forçado a olhar o fogo e os objetos que refletiriam na caverna. Glauco subscreve a conclusão de que, inicialmente, a luz iria magoar os olhos do ex-prisioneiro, que não conseguiria enxergar bem. Contudo, entre as noites, a claridade do sol denunciaria as estações e os anos e o faria compreender as situações vividas na sua primeira morada. Para Sócrates, o ex-prisioneiro lamentaria, então, pelos que haveriam ficado na escuridão, mas se alegraria, porque teria conhecido a realidade. Se houvesse uma volta às origens, seus olhos exigiriam bastante tempo para se reabilitar ao breu; seus companheiros ririam da situação e concluiriam que sair da caverna haveria lhe causado graves danos. Em razão disso, o ideal seria nunca partir.

Salienta-se que Platão polemiza a questão da visão, metaforicamente, por meio de um simulacro. Desta forma, afora uma discussão filosófica mais ampla do texto (já que, aqui, o relevante é o enfoque nos sentidos), há uma exaltação ao visual, ao longo do capítulo – como quando Sócrates defende que “a alma da maioria dos homens não é obrigada a perguntar ao entendimento o que é um dedo, porque a visão nunca lhe testemunhou ao mesmo tempo que um dedo fosse algo diferente de um dedo” (Platão, 1997, pp. 274-275); ou quando o mesmo personagem entende o olho humano como “o mais perspicaz dos órgãos do corpo” (Platão, 1997, p. 286); ou, ainda, quando ele correlaciona a cegueira e o conhecimento. Tem-se, assim, exemplos de visocentrismo, o predomínio do privilégio da visão, em relação aos outros sentidos. Sá (2011, p. 179) esmiúça o entendimento acerca da questão, ao afirmar que, neste cenário, “a visão ocupa o topo dos sentidos e o centro das atenções e dos sistemas de expressão e comunicação humana”, não como algo pontual, mas durável, cotidiano.

Como aponta Martins (2006), o impacto de uma cultura visual na vida de uma pessoa cega ou com baixa visão vai muito além das incidências realizadas no uso cotidiano da linguagem. O autor afirma que, ao reforçar

a equação entre ver e conhecer, a modernidade ampliou a importância que a visão tem para o conhecimento do mundo. Assim, associar a cegueira à inabilidade, à alienação, à fragilidade, à reclusão e a outros adjetivos depreciativos (como o fez Platão, em suas metáforas, no mito da caverna) é estimular o senso comum de que o ignorante está na escuridão, e o incapaz de conhecer é cego (Lakoff & Johnson, 1999).

Tal entendimento só alimenta o processo de exclusão social imposto às pessoas com deficiência (que envolve não apenas discriminação e segregação, mas também a noção de integração social²). Antagônica a tais conceitos, tem-se a inclusão, que

como paradigma da sociedade, é o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana – composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos, com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações. (Sasaki, 2009, p. 1)

Desta forma, é possível entender que uma pessoa com deficiência (PcD) pode ser ou estar integrada num ambiente, mas não incluída – como num contexto de sala de aula, no qual uma lei pode garantir, por exemplo, o acesso e a frequência de uma pessoa cega ou com baixa visão a uma mesma sala que uma pessoa normovisual (o que não garante a inclusão social, já que os materiais de leitura podem não ser acessíveis, os professores podem não estar aptos para o desafio, etc.). De outra parte, em termos audiovisuais, a acessibilidade e a consequente inclusão sociocultural só se dão por meio da audiodescrição (AD).

De forma básica, a noção mais difundida de AD é a de que se trata de uma tradução de imagens em palavras (Franco & Silva, 2010) – portanto, uma tradução intersemiótica, a partir do conceito apresentado por Jakobson (2000): é, portanto, uma tradução entre diferentes signos, um verbal e um não-verbal. Assim, a audiodescrição é um recurso tradutório de acessibilidade voltado, primariamente, a pessoas com deficiência visual (PcDV), a fim de permitir a acessibilidade, em busca da equidade social. Em termos gerais, pode ser gravada ou simultânea (nesta última, também dita “ao vivo”, é possível encontrar a AD voltada para o futebol, a locução audiodescritiva, tema deste trabalho).

² Para definições mais detalhadas acerca dos conceitos de exclusão, integração a inclusão social, ler ainda Fontes (1996), Escorel (1999) e Sasaki (2009).

A (RESTRITIVA) LOCUÇÃO RADIOFÔNICA

Inicialmente, antes de tratar sobre a combinação entre audiodescrição e futebol, é preciso desmitificar a relação direta entre acessibilidade e locução radiofônica. Para tal, tem-se, assim, um recorte transcricional acerca da locução radiofônica (ou irradiação) de uma partida entre Bahia x Vitória, ocorrida no dia 8 de fevereiro, válida pela Copa do Nordeste 2020, com dois times da Bahia, considerado, pela revista inglesa *FourFourTwo*, especializada em futebol, um dos 50 maiores clássicos do mundo (Parkinson, 2016). A partida foi disputada na Fonte Nova, em Salvador, e foi vencida pelo Vitória, por 2 a 0, com gols de Thiago Carleto e Vico. A transmissão retratada é da Rádio Sociedade, com narração de Fabrício Cunha e comentários de Cáscio Cardoso. A seguir, a transcrição de um trecho da partida:

[Fabrício Cunha] [...] teve a grande chance aqui do BAxVI, o Vitória, bola na trave do Léo Ceará, num lance de futevôlei: Léo Ceará, de peito, devolução no Júnior Viçosa; Léo Ceará, de primeira, a bola explodiu na trave, Cáscio.

[torcida ao fundo]

[Cáscio Cardoso] Pois é, e, mais uma vez, o Léo Ceará mostrando que tem apetite pra finalizar, né? E é isso que o Vitória sentiu falta... muito, nos dois jogos da Copa do Nordeste. O Vitória chegou forte, com esse grande chute de Léo Ceará... [a bola] beijou a trave e saiu, mas já levou perigo, e o Bahia já botou as barbas de molho.

[Fabrício Cunha] BAxVI, o jogo passa muito rápido, jogo bom, o tempo passa muito rápido, já quatro minutos do primeiro tempo... Rádio Sociedade, futebol show em dose dupla.

[publicidade 1] Pitú... Acesse [facebook.com/pitu](https://www.facebook.com/pitu) e viva a resenha também na internet.

[publicidade 2] Policlínicas, hospitais, estradas, agricultura familiar e muito mais. É o melhor governo do Brasil. Governo do Estado, Bahia, aqui é trabalho.

[publicidade 3] A Cruzeiro do Sul Virtual oferece mais de cento e sessenta cursos à distância, com qualidade

reconhecida pelo MEC e mesmo diploma do ensino presencial. Estude na Cruzeiro do Sul Virtual, mude sua vida no seu tempo.

A partir da transcrição em questão, é possível compreender, então, o limite de acessibilidade de uma locução radiofônica, quando imaginada para uma pessoa com deficiência visual. Durante todo o trecho destacado (que perpassa por resumo do lance, feito pelo locutor, comentários e publicidades), outras ações e jogadas acontecem, mas não são retratadas na transmissão – consequentemente, naquele momento, a PcDV não recebe qualquer informação sobre o que se passa (o que sucede em inúmeros momentos, em qualquer partida de futebol irradiada). Entende-se, assim, que uma transmissão de tal tipo possa auxiliar uma pessoa cega ou com baixa visão, acerca do entendimento de uma partida, porém, de forma restrita – diferentemente de como pretende a locução audiodescritiva.

A (ACESSÍVEL) LOCUÇÃO AUDIODESCRITIVA

Em formato de locução esportiva, a audiodescrição aplicada ao futebol atua para tornar acessível a pessoas com deficiência visual pormenores narrativos de uma partida, como passes, dribles, instruções, comemorações etc. – em outras palavras, “pretende descrever o maior número de informações possíveis” (Leite, 2016, p. 35). Trata-se, assim, de uma locução com ritmo equilibrado e tom narrativo moderado, diferentemente do que é aplicado nas locuções radiofônica e televisiva (Silva, 2018b; Leão & Silva, 2020), populares, mas voltadas apenas para normovisuais. Em adendo, ainda em relação à locução audiodescritiva, é possível pensar nos seguintes parâmetros como ideais (ainda que não se trate sequer de uma convenção):

a) utilização de uma dupla de locutores e um técnico de suporte: numa transmissão audiodescritiva voltada para o futebol, o ideal é que haja, como apresenta Leite (2016), a utilização de uma dupla de locutores, por conta do desgaste com as descrições, e um técnico de suporte, a fim de que possíveis interrupções com o microfone do locutor audiodescritivo ou com os fones de ouvido para as PcDV não interrompam a acessibilidade;

b) exploração tátil: no teatro acessível, a exploração tátil contribui para um amplo entendimento da arte; no futebol, não é diferente, e permite às PcDV o reconhecimento do contexto, de modo amplo, por meio do toque na grama, nas traves, nas bandeirinhas, nos bancos de reserva – como

ocorreu em uma das (poucas) partidas com audiodescrição em solo brasileiro (Guerra, Vardiero & Paschoalino, 2016);

c) PcDV alocadas numa mesma perspectiva: apesar de as primeiras locuções audiodescritivas (esportivas) no Brasil, na Copa do Mundo de 2014, serem transmitidas por rádio (o que permitiu a dispersão do indivíduo cego ou com baixa visão no estádio), entende-se que esta não é a melhor opção, uma vez que, nesse caso, como apontam Silva, Marcos Alexandre (2018b) e Leão e Silva (2020), se faz necessária uma mesma perspectiva para os espectadores;

d) intencionalidade descritiva: a principal intenção da locução em questão é a descrição, seja da expressão facial do jogador, seja das instruções técnicas aos seus comandados, seja da comemoração de um gol, etc.

e) sem publicidade: diferentemente da locução radiofônica (e até mesmo da locução televisiva), aqui não há publicidade, uma vez que se entende esta como um parâmetro de interrupção de acessibilidade;

f) conteúdo adaptado ao público: novamente, diferentemente das outras duas locuções supracitadas, a audiodescritiva é voltada para uma pessoa cega ou com baixa visão – o que diferencia a transmissão: aqui, não é o público que se adapta ao conteúdo, da forma que ele existe; o sentido é o inverso: o conteúdo é adaptado ao público, ou seja, a intenção é alcançar a equidade e a acessibilidade.

Justamente por não se tratar de uma convenção, em relação aos parâmetros apresentados, a união entre audiodescrição e futebol resulta numa locução ainda em formação – que tem como precursor, no mundo acadêmico, o artigo de Michalewicz (2014), que relata a locução audiodescritiva na Eurocopa 2012 (principal campeonato europeu de futebol entre as seleções do continente). Nestes termos, tem-se, ainda, a primeira pesquisa brasileira a correlacionar a audiodescrição e futebol, a dissertação de Costa (2015); em 2016, o trabalho de conclusão de curso (TCC) de Leite, numa especialização, e a publicação de Guerra, Vardiero e Paschoalino, contida nos anais de um congresso brasileiro; dois anos depois, o TCC de Silva, Marcos Alexandre (2018b), numa especialização em audiodescrição; em 2019, o artigo de Costa e Araújo, bem como o da CAFE³. Por fim, a última pesquisa, até então, publicada, abrangendo ambas as temáticas em questão, é a de Leão e Silva (2020). Em termos quantitativos, é possível perceber, portanto, um aumento, em pesquisas acadêmicas que abarcam

3 O Centre for Access to Football in Europe (CAFE) registrou a acessibilização do Estádio Giuseppe Meazza, também conhecido como San Siro, na Itália, por meio do artigo "Introducing ADC at a club: AC Milan case study" (2020), publicado em sua página oficial. Retirado de <https://www.cafefootball.eu/news/implementing-adc-at-ac-milan-case-study-published>

audiodescrição e futebol – ainda que, no Brasil, a prática da locução acessível não seja nem esteja (amplamente) colhida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O visocentrismo, o predomínio do privilégio da visão, em relação aos outros sentidos, “igual a ‘ver’ à normalidade, conferindo-lhe um status superior aos demais modos de percepção do mundo, e tornando-o o padrão pelo qual a sociedade se organiza” (Silva, 2020), ainda que não se perceba a devida noção de tal fato no cotidiano. Na cultura contemporânea, globalizada, não apenas as tecnologias, mas muitos acessórios (sejam eles visuais ou não) se mostram propulsores da visão como sentido primordial: além da fotografia e do cinema, TV, revistas, jornais, publicidades, documentários, internet, etc., apontam para uma circulação de informações não apenas orais e textuais, mas, principalmente, visuais. Contudo, não se trata apenas de uma particularidade contemporânea – a gênese do centrismo visual que vigora no mundo ocidental advém do pensamento grego de ver e conhecer (Martins, 2006).

De maneira correlata, apesar de voltada para normovisuais (ainda que não apresente imagens), é possível afirmar, com base em experiências em irradiação e nas pesquisas de Costa (2015) e Leite (2016), que a locução radiofônica é, sim, um recurso que auxilia o entendimento das pessoas com deficiência visual numa partida de futebol. Porém, de forma restrita, com limite à acessibilidade – como destacado no trecho analisado e transcrito (que perpassa por resumo do lance, feito pelo locutor, comentários e publicidades), no qual se perde inúmeras informações (o que sucede em diversos momentos, em qualquer partida de futebol irradiada). Neste sentido, ratifica-se que, de forma mais ampla, no caso do futebol, a melhor maneira de implementar a acessibilidade audiovisual se dá por meio da locução audiodescritiva – que se dispõe à equidade e à valorização da diversidade.

REFERÊNCIAS

- Costa, C. A. N. (2015). *A audiodescrição e/ou irradiação de jogo de futebol: qual o recurso mais acessível para cegos?* Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil. Retirado de <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83717>

- Escorel, S. (1999). *Vidas ao léu: trajetórias da exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Fontes, V. (1996). Capitalismo, exclusões e inclusão forçada. *Revista Tempo*, 2(3), 34-58.
- Franco, E. & Silva, M. C. (2010). Audiodescrição: breve passeio histórico. In I. M. V. M. Motta & P. Romeu Filho (Eds.), *Audiodescrição: transformando imagens em palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo.
- Guerra, M., Vardieiro, T. & Paschoalino, C. (2016). Audiodescrição no esporte: instrumento de inclusão social e estratégia de marketing para os clubes. *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação — Livro de Atas*. São Paulo: Intercom. Retirado de <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2313-1.pdf>
- Jakobson, R. (2000). On linguistic aspects of translation. In L. Venuti (Ed.), *The translation Studies Reader* (pp. 113-118). London: Routledge.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. Nova Iorque: Basic Books.
- Leão, B. & Silva, M. A. S. (2020). Audiodescrição no futebol: uma análise comparativa entre as locuções radiofônica e televisiva no jogo Vitória x Ceará. *Revista Caleidoscópio: literatura e tradução*, 4(1), 82-106. <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i1.29976>
- Leite, M. S. M. (2016). *Narração audiodescritiva e a experiência de pessoas com deficiência visual em estádios de futebol*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Martins, B. S. (2006). *E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Michalewicz, I. (2014). Audiodeskrypcja po Euro 2012 – zawrotne tempo akcji czy para gwizdek? *Przekładaniec*, 28, 153-162. <https://doi.org/0.4467/16891864PC.14.011.1718>
- Parkinson, G. (2016, 25 de abril). FourFourTwo's 50 Biggest Derbies in the World: 50-41. Retirado de <https://www.fourfourtwo.com/features/fourfourtwo-50-biggest-football-derbies-rivalries-world-50-41>
- Platão. (1997). *A República*. São Paulo: Nova Cultural Ltda.
- Sá, E. D. (2011). Atendimento educacional especializado para alunos cegos e com baixa visão. In A. Siluk & A. C. Pavan (Eds.), *Formação de professores para o atendimento educacional especializado* (pp. 179-208). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.

- Sasaki, R. K. (2009). Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, Ano XII, mar./abr., 10-16. Retirado de https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319
- Silva, M. C. (2019). *Para além do visível: princípios para uma audiodescrição menos visocêntrica*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil. Retirado de <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29344>
- Silva, M. A. S. (2018a). *A morte e a risada em Quincas Berro d'Água: um estudo de caso sobre a audiodescrição num filme de comédia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil. Retirado de <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28102>
- Silva, M. A. S. (2018b). Audiodescrição no futebol: uma análise comparativa entre as locuções radiofônica e televisiva no jogo Vitória x Ceará. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil.

Citação:

Silva, M. A. S (2020). Um regresso ao escutar: uma reflexão sobre a importância da memória e das paisagens sonoras . In M. Oliveira, A. Sá & P. Portela (Eds.), *Escutar. Sentir. Guardar - Atas do I Encontro Online Audire* (pp. 61-69). Braga: CECS.